

**Entrevistados: Enéas Paulo Bogucheski e Gianna Menegale Bogucheski**

**Entrevistadora e roteiro: Danila Barbosa de Castilho**

**Demais participantes: Caroline Otani (Carol), Diego Ferreira e José Bonifácio Alves da Silva (Boni).**

**Duração: 1 hora, 14 minutos e 52 segundos.**

**Local: SEARA, Tijucas do Sul/PR**

**Danila:** Eu gostaria que vocês comessem falando um pouquinho sobre vocês. Como vocês se conheceram? Quando fizeram parte da JUFRA? Fiquem à vontade.

**Gianna:** Posso falar?

**Enéas:** Pode falar você primeiro.

**Carol:** [risos]

**Gianna:** Gianna e Enéas. Nós nos conhecemos, de certa forma, na JUFRA, porque ele estava no seminário e eu tinha ido num TIF. Era... Era um TIF. Eu estava lá no seminário em Ponta Grossa. E, nesse dia, que a gente estava nesse encontro, o Enéas estava voltando...

**Enéas:** De um período que eu estava em dúvida da minha vocação...

**Gianna:** É...

**Enéas:** Fiquei lá um ano ou dois anos. “Acho que não é isso” [pensou]. E voltei para casa, fiquei dois ou três meses. “Não, é isso mesmo”. Voltei para o seminário. No dia que eu voltei, a Jô estava lá.

**Gianna:** Eu estava lá. Gente, Jô é por causa de casa. É apelido...

**Enéas:** Jô é a Gianna.

**Gianna:** Eu me lembro de ter conhecido ele lá, mas ele era seminarista. Não tinha nada né. É isso que você quer saber? Como nós nos conhecemos?

**Danila:** Fique à vontade.

**Gianna:** Foi dessa forma...

**Diego:** E hoje? Profissão... a religiosidade...

**Gianna:** Hoje, nós somos aposentados. Eu fui professora. Eu fiz Biologia. Eu fui professora. Somos aposentados. Temos 35 anos de casados né. Pertencemos ao movimento das Equipes de Nossa Senhora. Fazem 20 anos que nós estamos no movimento. Temos duas filhas. A Bruna que tem um filhinho, que é o Gael, e a Adriana que tem também um filho, que é o Francisco.

**Enéas:** Dois netos.

**Gianna:** Dois netos né.

**Enéas:** Vamos movimento para a gente saber o que tem que responder.

**Danila:** Como vocês conheceram... Não a JUFRA, exatamente... Mas a família de vocês já era católica? Teve alguém que incentivou a seguir e a participar de algum grupo, alguma pastoral?

**Gianna:** Uhum... Olha, a minha família... Eu sou italiana. Venho da Itália né. As minhas irmãs nasceram aqui no Brasil.

**Enéas:** E vieram parar nas Mercês.

**Gianna:** A gente passou por várias cidades e fomos parar nas Mercês. Alí em Curitiba.

**Enéas:** Um bairro de Curitiba que tem uma paróquia dos capuchinhos.

**Gianna:** E lá, a gente tinha um grupo de meninas que se reuniam na igreja com o Frei Antoninho Rodrigues, Frei Rodrigues. A gente se encontrava uma vez por mês e ficava à noite na igreja meditando. Sempre era preparado alguma coisa para a gente ficar alí né. Eram as músicas do Padre Zezinho, “O Cristo inconstante”. A gente se reunia sempre alí. E uma vez, esse Frei Antoninho convidou esse grupo para ir para Vacaria. Lá teve, não sei se era um congresso ou era encontrão. Alí que a gente conheceu a JUFRA. Foi o Frei Rodrigues mais o Frei Nereu, na época né. Nós fomos de ônibus, aquela coisa, aquela folia, aquele monte de jovens, bailinho no final da noite e não sei o que. A gente pensou, entre as meninas: “acho que nós não queremos. Nós queremos continuar com aquele grupo”. Mas, depois, amadurecemos mais a ideia e aí...

**Enéas:** Formaram um grupo de JUFRA...

**Gianna:** Formamos um grupo da JUFRA. Isso foi em 1971. E nós formamos... Acho que foi em 1972. Foi logo em seguida, no ano seguinte.

**Enéas:** Nós viemos de Ponta Grossa. Daí, eu já era seminarista em 1972. Entrei em 1972 lá em Ponta Grossa. Aí, entrei direto no curso de Filosofia. E, logo no começo, no mês de julho, os seminaristas eram orientados para trabalhar com os jovens. Como o produto dos capuchinhos era a JUFRA, então, nós fazíamos [atividades com os jovens] onde tinha paróquia dos capuchinhos e nós íamos lá para fundar o movimento de jovens, de JUFRA. Se já tivesse [JUFRA], nós íamos dar palestra...

**Gianna:** Treinamento...

**Enéas:** Treinamento...

**Gianna:** TBJ né.

**Enéas:** Encontros...

**Gianna:** Começava com o TBJ...

**Enéas:** É... Eu sei que em determinada época, não sei quando, também houve a criação da Jufrinha para adolescentes ou para pós-primeira comunhão. Para manter a criança [na Igreja] né. Porque, termina a primeira comunhão, debanda. E os freis acharam que... “Vamos criar a Jufrinha”. Então, nós, seminaristas, dávamos assistência para a Jufrinha e para a JUFRA naquela época, [19]72-[19]73.

**Danila:** Uhum... E porque o senhor resolveu entrar para o seminário? Como o senhor... O que motivou?

**Enéas:** Eu estava, mais ou menos, com 20 anos. Todos os meus amigos estavam se definindo para profissões. Com 22, eu entrei naquela crise... “O que eu vou fazer da vida?” E me perguntava: “pôxa! Não tenho escolha. Para onde é que eu vou?” Aí, eu pensei... Com 21, me convidaram para fazer o tal do TLC - Treinamento de Liderança Cristã. Fiz este Treinamento de Liderança Cristã. E, lá dentro, me deu um comichão, aquele esquentamento... “Puxa! Que coisa legal! Este é o ideal de vida, a gente saber porque existe, fazer Filosofia, ser padre, servir a humanidade”. Então, despertou uma série de ideais. O meu pai tinha bar e armazém. Eu cheguei [para ele] e disse: “pai, em fevereiro de 72, estou indo embora. Estou indo para o seminário”. “Não, meu filho, não vai. Fica aqui, meu filho. Isso aqui é tudo teu”. Só tinha eu de homem e duas mulheres, uma irmã mais nova e uma irmã mais velha. Uma caseira, dona de casa. Meu pai com bar e armazém, tipo mercado, tinha de tudo. Eu não gostava de trabalhar com ele, porque era um pai durão. Tinha que ser do jeito dele e eu queria fazer do meu jeito. Eu era um adolescente meio retardado ainda, porque o adolescente fica bravo, nervoso e revoltado com os pais lá pelos 17 anos. Eu, com 22 anos, queria ser mais ou menos autônomo. Eu disse: “não, pai. Aqui, com o senhor, se eu ficar, vai dar muita briga. O senhor quer fazer do seu jeito, então, eu vou embora. Vou para o seminário”. “O quê?” Desespero dele. [Ficou] Minha mãe rezando para eu ir para o seminário e o meu pai rezando para eu não ir.

**Danila:** [risos]

**Enéas:** Toda vez que eu saía do seminário e ia para casa, meu pai dizia: “pô filho, vem aí. Eu comprei um carro novo filho. Fica aí”. Eu dizia: “Não, eu só vim passear pai. Eu só vim passear, estou voltando amanhã”. “Ah filho, fica aí”. Fazia de tudo para eu ficar.

**Boni:** Em Ponta Grossa que o senhor morava?

**Enéas:** Não, em Irati.

**Boni:** Em Irati.

**Enéas:** Bem pertinho. Pertinho de Ponta Grossa uns 100 km, mais ou menos. Cem, cento e pouco... Minha mãe rezava para eu ficar... De Ponta Grossa, eu pegava o ônibus meio dia, chegava em Irati três horas e depois pegava o ônibus de volta. Eu estava no seminário e ia passear na cidade, mas pegava o ônibus e ia para Irati com o bolso cheio de bala e com um dinheirinho para comprar uma coisa e outra. Então, foi assim... Eu entrei no seminário para me definir. Estando lá dentro, eu achei: “puxa! É isso que eu quero mesmo”. Porque eu não sabia. Eu estava perdido. Qualquer coisa servia. Mas, dentro do seminário, eu conheci a história de São Francisco de Assis, fiz um retiro com o Frei Ignacio Larrañaga, esse cabedal de espiritualidade e de experiência de Deus, e fui

me definindo pela vida religiosa. Até cheguei a fazer a profissão solene. Não fiz a profissão perpétua, porque, três meses antes de fazer, eu saí. Saí definitivamente. Bom, resumindo... Foi ali que eu defini um padrão, uma filosofia de vida. Dentro do seminário. Tentei ficar como sacerdote religioso, mas não tive aquilo que eu via nos outros amigos que estavam decidindo, aquela alegria. Como eu entrei com 22 anos, eu não tinha... Eu tinha uma vida, uma comparação de vida anterior, vida religiosa e vida não religiosa. Fui comparando as duas coisas e via a alegria naqueles que estavam se decidindo. Comigo, cada vez mais angústia e procurando uma resposta: “meu Deus, me ajude, me clareie, me deixa ver. É por aqui que eu tenho que ir ou não?” Aí, eu decidi sair do seminário e comecei a procurar uma vida profissional. Como eu tinha Filosofia, eu disse: “ah, vou ser professor”. Fiz uma inscrição na PUC de Curitiba, para fazer reconhecimento das disciplinas pedagógicas que eram necessárias, e, realmente, me formei como professor. História, Geografia e Psicologia. Nesse meio tempo, me formei e fiquei trabalhando dentro da própria universidade. Foi ali o único emprego que eu tive. Comecei com os meus 27 anos e saí de lá com 55, praticamente aposentado. Trabalhei só numa empresa, Irmãos Maristas. Saí dos irmãos capuchinhos, franciscanos, e passei para uma instituição Marista de Educação Superior, onde eu passei por todas as áreas acadêmicas. Acadêmicas, administrativas, de recursos humanos, de contabilidade e auditoria. Praticamente, eu era o coringa. Precisava de alguma coisa, os irmãos maristas diziam: “peça para o Enéas, que o Enéas dá um jeito”. E dava mesmo. Fazia. Porque? Porque tinha todo o conhecimento de Filosofia que é necessário para a pessoa se tornar um coringa mesmo. Filósofo serve para qualquer coisa.

**Todos:** [risos]

**Enéas:** Gostei... Gostava muito de História. Eu lecionei História. Se eu sáísse da Filosofia e tivesse oportunidade, ia para o caminho da História. Resumindo... Não sei se completou ou não.

**Danila:** A senhora era professora...

**Gianna:** Sim.

**Danila:** Porque a senhora escolheu essa profissão? Alguma influência...

**Gianna:** Não. Na realidade, na época, eu queria Farmácia Bioquímica. Eu fui fazer o vestibular sem ter feito cursinho. Na época, nem tinha muito. Já saí de uma escola pública né. Eu fui fazer... Naquela época era assim... O vestibular não era em um dia só, mesmo o da Federal. Era, por exemplo... Eu fiz para Farmácia e Bioquímica num dia e fiz para Biologia no outro, que na época não era Biologia, era História Natural que chamava o curso. A minha turma foi a que ficou entre História Natural e Ciências Biológicas... Aliás... E Biologia. Ficou como Ciências Biológicas. A gente podia fazer o vestibular, vários vestibulares. Eu tentei, primeiro, em Ciências Biológicas, a História Natural, que depois mudou. E, depois, eu fui fazer Bioquímica. Em Bioquímica não passei, mas passei em Ciências Biológicas. Aí, eu comecei a fazer o curso e pensei: “ah, o ano que vem eu tento novamente, mas vou fazer”. E fui gostando demais. Adorei o curso. Aí, eu pensava em ir para a pesquisa... Eu queria fazer Biologia Marinha. Chegou no último ano, na metade do último ano, eu comecei a dar aula. Eu adorei dar aula também. Então, daí, eu esqueci a Biologia Marinha, porque eu teria que ir para o Rio Grande do Sul, para a cidade de Rio Grande. Lá tinha Biologia Marinha. Eu ia ter que

voltar a depender do meu pai e da minha mãe né. E eu já estava ganhando [salário como professora]. Eu comecei a dar aula então.

**Enéas:** E se aposentou como professora.

**Gianna:** É.

**Danila:** Legal. Na época da juventude de vocês, teve alguma coisa que marcou? Algum acontecimento?

**Gianna:** Ah, muitas coisas marcaram na época.

**Danila:** O que marcou?

**Gianna:** A minha própria época do... Nossa... Muitas coisas marcaram...

**Enéas:** Quem que era ídolo na época? Era algum ídolo da igreja ou da música...

**Boni:** Que música que mais marcou vocês?

**Gianna:** Padre Zezinho.

**Enéas:** A do Padre Zezinho. Padre Zezinho teve uma grande influência.

**Gianna:** Nossa... Com certeza.

**Enéas:** Toda essa geração, digamos, de 1970 para cá. Eu acho que o Padre Zezinho teve uma influência muito grande.

**Boni:** As músicas?

**Enéas:** As músicas e uma pedagogia de ensinar as coisas da Igreja [Católica] através da música. Não tanto através da catequese que era, talvez, meio enfadonha. Ir à música do Padre Zezinho era mais...

**Gianna:** Ele trazia coisas jovens... Coisas... Porque, antes, era tudo muito assim: Deus lá em cima e a gente não chegava nem próximo. Ele mostrou um Cristo mais próximo para a gente. Então, tinha aquele... “O Cristo inconstante”. Eu não me lembro dos outros.

**Enéas:** Era falado né [narrações]. Depois começaram as músicas.

**Gianna:** Não sei se vocês chegaram a conhecer alguma coisa. Eu não me lembro o nome dos outros, mas o que mais me marcou foi “O Cristo inconstante”.

**Danila:** E de acontecimentos políticos e sociais? Alguma coisa marcou?

**Gianna:** Ah, sim... A questão da ditadura né. A gente, na faculdade, sentia. Eu terminei a faculdade em 1974. Então, a gente sentia. Não que eu tivesse, assim, alguma coisa, mas a gente sentia.

**Enéas:** Mas era do tipo rebelde, assim, ou era tranquilo...

**Gianna:** Não... Eu nunca fui rebelde.

**Todos:** [risos]

**Enéas:** Não era contestadora? Não ia lá desfilar? Não ia lá contestar?

**Gianna:** Não... Eu sempre fiquei na minha né... Imagina... Eu não tinha cidadania brasileira na época...

**Enéas:** Ah bom, aí era perigoso né...

**Boni:** A senhora tem dupla cidadania?

**Gianna:** Na realidade, eu sou italiana e, depois, eu me naturalizei.

**Boni:** Brasileira né...

**Gianna:** Isso, foi em 1998 que eu me naturalizei, que eu consegui fazer a naturalização. Mas, aí, eu já era casada, tinha as filhas. Eu tinha tentado antes, mas era difícil, caducava, a documentação... Era complicado... Diziam que eu podia perder a cidadania italiana e eu não queria, porque eu queria passar para as minhas filhas. Tanto que elas têm né. Eu sou brasileira. Eu vim de lá com dois anos e meio. Eu não queria muito [ser brasileira] agora, mas...

**Enéas:** Ficou rebelde agora...

**Gianna:** Foram muitos acontecimentos...

**Boni:** O senhor era rebelde?

**Enéas:** Eu era um perdido na vida, que nem São Francisco assim...

**Todos:** [risos]

**Enéas:** E não achava... Voltava e procurava tudo quanto é coisa. Quando eu entrei no seminário, apaziguou. "É por aqui que eu vou". Acabei saindo e casando com a Jô. E fizemos uma história dentro do movimento das Equipes [de Nossa Senhora]. Saí de uma instituição dos capuchinhos e entrei nos irmãos maristas. Vivia no ambiente universitário também, por isso fui definindo ali uma maneira de ser em cima de valores. Depois que a gente casou, a formação que eu tive dentro do seminário ajudou muito na formação da família. A preservação de valores e, logo em seguida, entramos nas Equipes de Nossa Senhora. Então, é uma estrutura, assim, de tranquilidade e de serenidade. Diante de tudo o que acontece no mundo, essas crises que tem por aí, a gente tem uma estabilidade, tem uma segurança, tem um padrão de vida. Mas, lá no fundo, temos uma formação religiosa.

**Boni:** Hoje vocês participam das Equipes de Nossa Senhora. O que vocês fazem lá? Vocês coordenam...

**Enéas:** Espiritualidade conjugal. A gente faz tudo junto. Estuda junto, reza junto, tem uma dinâmica de, através do esforço... Chama-se pontos concretos de esforços. Cinco pontos diários...

**Gianna:** Seis.

**Enéas:** Seis né... Participar de um retiro por ano, oração conjugal todos os dias...

**Gianna:** Escuta da palavra...

**Enéas:** Escuta da palavra, meditação, leitura todos os dias... O dever de sentar-se que fortalece muito a vida dos dois. A gente tem que sentar uma vez por mês e ver se está agradando

**Gianna:** Conversar com Deus também...

**Enéas:** Conversar com Deus na frente... Conversar sem briga e sem cobrança, mas aperfeiçoando o outro até o ponto de chegar o relacionamento se tornar tipo uma arte. A coisa ideal. Se existe um ideal, dentro das Equipes de Nossa Senhora, isso é buscado. O ideal de um relacionamento...

**Gianna:** As Equipes de Nossa Senhora é um movimento mundial que começou na França em 1939 pelo Padre Henri Caffarel...

**Enéas:** Não precisa entrar no movimento das Equipes de Nossa Senhora, você já...

**Gianna:** [risos]

**Enéas:** Sempre é bom aperfeiçoarmos... [risos] Se vocês entrarem, não vão se arrepender.

**Gianna:** Pena que vocês não viram os outros casais que saíram. A nossa equipe é que veio fazer o retiro... Tem mais um casal de Matinhos né... É fantástico. E a gente se ajuda. Veja, nós estamos na equipe há 20 anos, mas os outros casais... Tinha casais com 28 [anos]... Mais?

**Enéas:** 26, 10 [anos]... Ajuda mútua. Como beber o evangelho em família...

**Gianna:** Pesquisem...

**Enéas:** São 5 ou 6 casais. Cada equipe são 5 ou 6 casais, 7 casais.

**Gianna:** 8 [casais]...

**Enéas:** Pode até ser 8. Existe toda uma pedagogia da entre ajuda e da partilha. Aquela família que a gente tem, nossa, ela vai se estendendo para mais 5 famílias e se torna uma família maior, única. Isso é fantástico. Essa experiência de fraternidade com um grupo um pouquinho maior.

**Gianna:** É... E a nossa equipe faz... Quando que foi derrubada a casa aqui?

**Enéas:** Quando que foi? A casa velha aqui que nós ajudamos a derrubar...

**Maria Lúcia:** Dois mil e...

**Enéas:** 2002...

**Maria Lúcia:** É... Por aí...

**Boni:** Aquela casinha da coluna de madeira?

**Maria Lúcia:** É, É... Foi derrubada. Aquela que você viram a foto [casa que o Frei Eurico ajudou a construir na SEARA].

**Boni:** Por causa dos cupins né...

**Enéas:** Por causa dos cupins e etc... [que derrubaram]

**Maria Lúcia:** Por aí... Em 2002/2003...

**Danila:** E a experiência de vocês na JUFRA teve alguma influência para você terem entrado nesse grupo?

**Gianna:** Com certeza...

**Danila:** Como?

**Gianna:** A gente estava procurando alguma coisa a mais e, de repente, veio o convite para o Enéas lá na PUC. Eu queria muito estar em um encontro de casais.

**Enéas:** Ela está falando da JUFRA...

**Gianna:** Não, mas ela está perguntando se a JUFRA teve influência...

**Enéas:** Ah, bom...

**Gianna:** Teve... Então, por amigos em comum que viviam de uma forma e a gente também queria viver daquela forma.

**Enéas:** Quem tem sede. Quem tem, digamos, foco, vai atrás e acha. Quem procura, acha.

**Gianna:** A gente queria uma coisa a mais, porque a JUFRA ia até a juventude, depois do casamento... Nós tínhamos um casal que começou na JUFRA em Curitiba. Eles começaram noivos e, depois, casaram. Eles ficaram um bom tempo como secretários executivos, na época nós chamávamos. Não, ele eram secretário executivo da nossa de Curitiba...

**Enéas:** Da paróquia?

**Gianna:** Não, porque tinha na Bom Jesus também, que era outro grupo.



**Boni:** Tinha uma outra em Olarias né...

**Gianna:** Como?

**Danila:** Não, essa Bom Jesus é de Curitiba.

**Boni:** Ah, de Curitiba.

**Enéas:** Aqui em Curitiba tinha nas Mercês e tinha na Bom Jesus que eram franciscanas.

**Boni:** Em Curitiba tem uma Bom Jesus também.

**Gianna:** Tem. Bom Jesus é dos franciscanos e Mercês dos capuchinhos.

**Enéas:** Também é franciscano do ramo capuchinho.

**Danila:** Sim.

**Gianna:** Eles sabem...

**Danila:** Como foi a experiência de vocês na JUFRA?

**Gianna:** Ah, para mim, foi muito boa, porque aí eu cresci. Sozinho, assim, a gente não conseguia crescer. Na JUFRA tinha tudo. Você começava primeiro com a parte do TBJ...

**Enéas:** O Básico, a parte humana...

**Gianna:** Não sei se hoje chamam de outra forma... Depois você...

**Enéas:** O TIF...

**Gianna:** O TIF era uma iniciação franciscana. Depois, todo o ano tinha o TRF que depois você aprofundava. E sempre, em cada reunião, tinha um tema. Já tinha uma coisa. Era tudo preparado. Então, era muito interessante...

**Enéas:** Tinha várias lideranças. O animador, o avaliador, secretário, o espiritualizador... Tinha o recreador. Por quê? Porque no Treinamento Básico tinha como fundo a Teoria da Organização Humana de Antonio Rubbo Müller, que é planejamento. Organização bem montadinha, porque, se não tiver bem montada, o jovem é dispersivo, se perde, fica caminhando ali e esparramando energia. Quando é tudo bem organizado, o que acontece? Só seguir os passos. Então, terminava a reunião, o secretário fazia a programação da próxima reunião. “Quem vai ser o animador?” “Eu”. “Quem vai ser o secretário?” “Quem vai ser recepcionista?” “Cronometrista?”... “Ah, só temos 5 minutos. 5, olha...”. Então, isso, eu acho, que é um fator de sucesso de qualquer tipo de reunião, a organização. E, se existe isso na JUFRA, vai embora. Se não existir...

**Gianna:** A gente já tinha isso [na JUFRA]. Depois a gente queria mais [em outro grupo]. No caso, procuramos mais [nas Equipes de Nossa Senhora]. Nós tínhamos... 15 anos de casado?

**Enéas:** Mais ou menos...

**Gianna:** Nós entramos nas equipes em noventa e...

**Enéas:** [19]96.

**Gianna:** Casamos em [19]81. Deu 15 anos.

**Enéas:** Daí, logo em seguida, entramos no movimento das Equipes de Nossa Senhora que também é um movimento organizado. Tem uma pedagogia bem definida e os casais que levam a sério crescem, se envolvem com a comunidade e começam a pôr para fora aquilo que eles aprendem dentro. Tem o inter e a explosão. Então, respondendo, mais ou menos, a pergunta que foi feita à Jô. Se, no período de juventude, não se tem a oportunidade de participar de um grupo, o jovem cresce esparramado. Ele vai para tudo quanto é convite. Se tem oportunidade de ir para um grupo de jovens, ele está dentro de um caminho, mais ou menos, e vai respondendo as perguntas fundamentais da existência dele. Então, se der a oportunidade para o jovem conhecer qualquer tipo de trabalho de pastoral (convite), o jovem vai lá e vai encontrar respostas para si. E se não tiver oportunidade, ele fica perdido no mundo. Vai crescendo sem o contato com os valores fundamentais da vida. Então, acho importante essa oportunidade, esse convite que se faz ao jovem. O jovem está num estágio de procura. O jovem está aberto. E, se aparecer essas oportunidades, logicamente, ele vai encontrar respostas profundas. Então, como é importante o grupo. Se vocês estão ainda com esse ideal ainda, continuem, porque é como canalizar, como aproveitar a energia do jovem.

**Danila:** E o que mais marcou nesse período de experiência na JUFRA para vocês? O que mais ficou?

**Enéas:** Eu trabalhava como um prestador de serviço, prestadio. Como tem na JUFRA até hoje, na comunicação, é o prestadio e o fruitivo. É aquele que está se beneficiando da comunicação e aquele que está oferecendo a comunicação. É dando que se recebe. São Francisco já dizia isso. Então, a gente tinha que estudar, tinha que ler. Os padres, que eram nossos formadores, ficavam atrás de cortina escutando o nosso tipão. “Como é que estão ensinando?” “Como é que está trabalhando?” “Como é que está se envolvendo com os jovens?” Ali, ele [o formador] percebia se o seminarista tinha um perfil para ser sacerdote ou religioso. Mais ou menos isso...

**Boni:** O Frei Eurico também?

**Enéas:** O Frei Eurico não. O Frei Eurico, a gente conversava com ele, ele olhava para os olhos da gente e já confiava. Os outros eram tipo militar, Frei Moacir Busarello. Frei Moacir Busarello era militar. Armava armadilha para ver se a gente caía ou não.

**Todos:** [risos].

**Maria Lúcia:** O Frei Eurico era bem paizão.

**Enéas:** O Frei Eurico era. Ele era [paizão] demais... Ele era carismático. Era místico. Bom, então, você veja bem... No momento em que se está envolvido com jovens, e a gente [os seminaristas] também era jovem, aquilo criava um idealismo dentro da gente.

A gente estava vendo, ali na frente, conversões. Jovens que entravam tábula rasa, sem nada, de repente, começavam a dar testemunho e assumir [funções]... “Eu quero ser catequista”. O cara não sabia nada de catequese. “Ah não, eu vou fazer alguma coisa na igreja”. Então, o entusiasmo do jovem. Aquilo motivava a vocação da gente a amadurecer.

**Boni:** Iniciativa e responsabilidades...

**Enéas:** Tinha... Tinha vários grupos [de JUFRA] em Ponta Grossa. Na Vila Oficinas, na Imaculada, no Bom Jesus... é... Tinha quatro grupos lá. Então, chegava no final de semana, saía nos domingos, era de dois em dois. Sempre assim, a Filosofia é de dois em dois. Então, enquanto um estava preparando a próxima palestra, esse aqui estava dando. Esse dois a dois também era a experiência da gente partilhar e um corrigir o outro.

**Gianna:** Como você estava dizendo, o que a JUFRA foi para mim. Nossa, foi a base de tudo. Ali, eu aprendi a espiritualidade, aprendi a ter muitos amigos, de repente. A ter amizades muito...

**Enéas:** Profundas...

**Gianna:** Profundas né. E saber o que eu queria da vida, o que eu ia querer da vida. Nossa... Tanto que para mim deixar a JUFRA, porque eu deixei a JUFRA... Acho que foi em 76... Quando eu deixei a JUFRA já tinham pessoas bem mais jovens. Eu era bem mais velha. Então, eu precisava de outras coisas. Então, aí, eu deixei a JUFRA.

**Boni:** Vocês ficaram no mesmo período na JUFRA? De 1972 a 1976?

**Enéas:** O período que eu trabalhei foi, mais ou menos, esse daí. De 72 a 77.

**Boni:** 77.

**Gianna:** Eu também. Eu saí em 76. O Enéas saiu do seminário em 77...

**Enéas:** 77.

**Gianna:** Final de 77.

**Boni:** Vocês já namoravam nesse período?

**Gianna:** Não... Ele era seminarista. Que isso...

**Todos:** [risos]

**Enéas:** Quando eu saí...

**Gianna:** Dois anos depois, a gente começou a namorar.

**Enéas:** É...

**Boni:** Vocês já se conheceram na JUFRA?

**Gianna:** Já... Ele vinha dar treinamento. Daí, ele ficava lá em casa. Ficava no seminário, mas ia tomar café lá em casa.

**Enéas:** Ia visitar. Tomar um cafezinho.

**Gianna:** Ele ia tomar café lá em casa, o café da tarde. A gente se falava. Ia lá para o seminário. A gente se encontrava, mas ele era seminarista né...

**Todos:** [risos]

**Boni:** Depois que pintou um clima né...

**Gianna:** Bem depois...

**Todos:** [risos]

**Danila:** Então, vocês comentaram que fizeram muitas amizades. Até hoje, vocês tem contato com essas pessoas que fizeram parte da JUFRA?

**Gianna:** Sim. Não, assim, tão próximo, mas já foi feito um encontro.... Não é Enéas? Antes da Suely falecer... Lá né que a gente reuniu o pessoal.

**Enéas:** Mais ou menos umas 30 pessoas na casa da Dani lá.

**Gianna:** É...

**Enéas:** Depois de uns 20... Depois de uns 30 anos, mais ou menos, que isso aconteceu né.

**Gianna:** Nem lembro mais

**Enéas:**Frei Lourival estava lá com a Jane.

**Gianna:** É... Estava o Lourival. Tinha uma porção de gente.

**Enéas:** O Mário...

**Maria Lúcia:** No aniversário do Frei Eurico, bodas de prata de 25 anos [de vida religiosa, de consagração], vocês se reuniram todos aqui ou não?

**Gianna:** Sim. Viemos aqui sim. Eu não me lembro se tinha a Dani... A Dani tava... Você não estava Enéas...Estava! Estava sim. Claro que sim. Nós tínhamos a Bruna já.

**Enéas:** Já tinha a Bruna.

**Gianna:** A Bruna e a Adriana já. Eu não me lembro se a Suely e o Mário vieram, mas tinha outras pessoas sim. Veio o pessoal de Ponta Grossa para cá, eu me lembro. Sim, é verdade... Tinha esquecido. A gente se reuniu aqui também. Mas era assim... O pessoal de Ponta Grossa, o Bom Jesus de Curitiba, nós...

**Enéas:** Das Mercês...

**Maria Lúcia:** Foi em 86/87. Por aí né?

**Gianna:** Ai, eu não me lembro.

**Maria Lúcia:** Deve ser... Antes de eu vir para o Paraná né...

**Gianna:** É.

**Maria Lúcia:** Deve ser por aí.

**Gianna:** É... Eu não me lembro a data exatamente, mas eu lembro que foi ali para baixo que eles fizeram...

**Enéas:** Foi feito um buracão... Churrasco de espeto... Tinha mais ou menos umas cem pessoas ali. A família do Frei Eurico era grande.

**Boni:** Os familiares dele vieram também aqui...

**Enéas:** Vieram. Eles se encontraram com todo mundo aqui...

**Boni:** 25 anos de sacerdócio?

**Maria Lúcia:** Foram os 25 anos de vida religiosa, de consagração.

**Danila:** Vocês tiveram experiências em outros movimentos jovens antes de participar da JUFRA ou não?

**Enéas:** Eu tive...

**Gianna:** Eu tive na Cruzada na época da...

**Enéas:** Era infantil. Não era para adolescente, mais ou menos, a cruzada...

**Gianna:** Não. Fui em alguma... Filha de Maria também.

**Boni:** Essa Cruzada, como era o nome? Cruzada mesmo?

**Gianna:** Cruzada [Cruzada Eucarística]. A gente usava uma faixa...

**Enéas:** Uma faixa amarela...

**Gianna:** Você não é desse tempo não [Maria Lúcia]...

**Maria Lúcia:** Eu não tinha acesso a isso.

**Gianna:** Não?... Era uma faixa amarela, assim, que a gente usava. Primeiro era assim... Depois tinha uma faixa amarela... A gente cuidava dos bancos lá nas Mercês...

**Enéas:** Mas, na época da juventude, foi a JUFRA e nada mais?

**Gianna:** É, na juventude, foi.

**Enéas:** Comigo foi antes de entrar no seminário, o TLC.

**Danila:** Hum... o TLC.

**Enéas:** É. O TLC que deu uma faísca lá e eu disse: “Pôxa vida!...” Daí que eu resolvi entrar para o seminário.

**Danila:** E, depois de participar da JUFRA, vocês não quiseram entrar na OFS?

**Enéas:** Não tivemos a oportunidade...

**Gianna:** Não fomos convidados...

**Enéas:** Na época, existia, mas não era ativa...

**Gianna:** Era um pessoal mais velho que participava. Fazia parte... A JUFRA fazia parte.

**Enéas:** Fazia. Ordem Franciscana Secular que eram pessoas casadas. Nós tivemos conhecimento de várias pessoas que participavam, mas nós não tivemos nem a oportunidade. Nem convite e nem interesse [de ir em busca]... Não sei se... Eu acho que faltou oportunidade.

**Diego:** Havia pessoas do grupo de JUFRA de vocês que participavam da OFS?

**Gianna:** Não.

**Enéas:** Não. A gente não sabia de ninguém...

**Gianna:** Que eu saiba, não.

**Enéas:** Era muito concentrado, era muito conservador. Era fechado na época. Não era assim tão aberto e tão motivador como a JUFRA. A JUFRA era bem aberta, todo mundo podia entrar. A OFS era já de pessoas de mais idade e que tinha certa tradição. Era um grupo mais fechado que a gente quase nem conhecia.

**Gianna:** Nem conhecia.

**Enéas:** Não era assim: “ah! vamos entrar! Vem.” Não tinha propaganda. Era mais ou menos assim... Mais tradicional e mais fechada.

**Gianna:** Pelo menos para mim, era isso...

**Danila:** Como que foi trabalhar junto com Frei Eurico? Como foi essa experiência?

**Gianna:** É para o Enéas... Bom, ele que pode falar mais...

**Enéas:** Eu fui amigo dele. No seminário, foi meu diretor espiritual, inclusive. Fez encima da minha... Toda a minha carga de juventude rebelde... Ele chegou e me colocou dentro de uma fôrma, mas de forma positiva. Ele fazia o tal do rastreamento biográfico encima de Psicologia, de Freud, Jung... Ele tinha um esquema em que ia conversando... Conhece o Convento Bom Jesus em Ponta Grossa?

**Danila:** [sinal afirmativo]

**Enéas:** Lá tinha o pomar de uva e a horta, onde nós trabalhávamos toda a tarde. Dava, mais ou menos uns 400, 500m, assim. Ali todo mundo caminhava de manhã, de tarde, meditação, escutando os passarinhos... O Frei Eurico pegava um por um dos seminaristas, no que chegava, e ia fazia um caminhão de perguntas, isso era umas quinhentas perguntas, mais ou menos. Ele ia anotando. Quando terminava, ele te dava o teu perfil. “Olha Enéas, você tem fixação, rejeição disso, tem apego para aqui, tem não sei o que...” “Nós vamos trabalhar isso ta? Se você quiser, eu posso ser o teu... Posso te ajudar”. Durante muito tempo, ele foi me ajudando a equilibrar o que estava desequilibrado na personalidade. Então, ele foi para mim a pessoa que me ajeitou, me arrumou, porque eu era um perverso... Digamos, se eu não tivesse entrado no seminário, eu seria um bandidão, sei lá o que... Então, ele me arrumou. Me arrumou, me ajeitou. Disse: “olha Enéas, você tem muito potencial”. Me valorizava muito e me dava, assim, umas preferências. Eu era o único motorista no seminário. O pai dele tinha um caminhão. Ele dizia: “o Pedrinho, meu pai, empresta o caminhão para o Enéas aí que ele tem que buscar um saco de cimento”... Ou um caminhão de lenha. Então, eu pegava o caminhão, eu tinha carteira de motorista para dirigir caminhão. Então, eu era o braço direito dele. Nos TBJ lá, quando ele ia, ele queria que fosse eu, além de outros também. Mas ele tinha certas preferências. Acho que porque eu me abri, totalmente, para ele. Ele me conhecia e sabia até onde podia confiar. Sei lá... Mas foi ele que, digamos assim, me arrumou, me ajeitou, me colocou na linha, me equilibrou, me mostrou os ideais. Acho que... Se eu disser... Se teve alguma pessoa que exerceu alguma influência em minha vida, o Frei Eurico foi a número 1, mais do que meu pai e a minha mãe. Se olhar para trás assim, foi ele.

**Gianna:** Quando a gente estava se preparando para o casamento, eu lembro que ele estava em Curitiba já... Estava no Ahu [Bairro de Curitiba] ali, não é Enéas?

**Enéas:** [sinal confirmando]

**Gianna:** E a gente foi confessar com ele. Até o Frei Miguel pediu para fazer o nosso casamento. O Frei Miguel, não sei se vocês conhecem. O Frei Miguel...

**Enéas:** Lotacim...

**Gianna:** Lotacim.

**Enéas:** Já falecido também. Capuchinho.

**Gianna:** Já falecido. Estão fazendo a beatificação dele.

**Enéas:** Está no processo de canonização...

**Gianna:** Beatificação... Ele falou que queria fazer o nosso casamento. Daí, eu falei: “ah, Frei Eurico. E agora?” Aí o Frei [Eurico]: “não, eu nem posso, mas vocês venham aqui”. E a gente foi lá e ele nos preparou...

**Enéas:** Preparou...

**Gianna:** A confissão, tudo para o casamento. Então, ele sempre foi presente na nossa vida. Mesmo depois de casados, a gente vinha para cá [Seara] sempre. Eu lembro que a primeira vez que nós viemos aqui conhecer esta casa, eu estava grávida da Bruna. Foi em oitenta e... Começo de [19]82.

**Maria Lúcia:** Quando ele comprou...

**Gianna:** Quando ele comprou né... Eu sei que a gente veio e parou... Tinha uma foto ali em cima... Eu barriguda [risos], acenando para o Enéas. Tirou uma foto minha e dele. Uma coisa que me marcou muito com o Frei Eurico foi que, uns dias antes de ele falecer, ele ligou lá para casa e conversou comigo.... O Enéas não estava em casa. Ele ainda disse para mim: “cuida bem do Polaco, Jô... Cuide bem do Polaco” [risos].

**Enéas:** Polaco era eu.

**Gianna:** Foi a última coisa que eu ouvi dele. Então, marcou muito. Ele marcou muito a nossa vida. O próprio local aqui [sede da SEARA]... A Casa do Caminho... Nós somos da época da Casa do Caminho, onde a gente fazia os encontrões de JUFRA. O TRF nós fizemos lá na Casa do Caminho. Na primeira noite em que a gente fez a inauguração daquela Casa do Caminho, eu estava lá e o Enéas também estava lá. Não é Gatão [Enéas]?

**Enéas:** [aceno confirmando]

**Gianna:** Eu lembro que estava um frio danado e a gente limpou a casa e todo mundo dormiu lá...

**Enéas:** Matava uma cobra por dia lá. No meio do mato... Como tinha cobra!

**Gianna:** Então, veja bem, está na nossa vida...

**Enéas:** Está...

**Gianna:** Tanto o Frei [Eurico] como a SEARA também, porque uma época eu também pensei... A gente... O Frei Eurico sempre chegava perto... “Daí Jô, como que é?”

**Enéas:** Você conheceu a casa da SEARA na frente do Seminário? O Frei comprou um terreno ali e montou uma casa, morava o pai e a mãe dele... Aí foi outro...

**Gianna:** Mas não era a Casa do Caminho...

**Enéas:** Não... Casa da SEARA lá em Ponta Grossa, em frente ao Convento [Bom Jesus]. Hoje nem tem mais... Na Teixeira Mendes ali. Rua Teixeira Mendes.



**Maria Lúcia:** Maria das Graças, Maria Lacerda...

**Enéas:** Maria Lacerda também estava lá...

**Gianna:** É... A gente ia visitar elas lá.

**Maria Lúcia:** Eu não conheci... Quando eu o conheci, ele já estava no Ahu [Bairro de Curitiba]...

**Enéas:** Lá no Ahu...

**Maria Lúcia:** É.

**Enéas:** Lá no Ahu também nós fomos... Outra pergunta [risos]...

**Danila:** O senhor ajudou, nesse período da JUFRA, só em Ponta Grossa ou o senhor chegou a ir em outras cidades?

**Enéas:** Só, só... Só em Ponta Grossa...

**Gianna:** Não, Gatão...

**Enéas:** Os outros iam...

**Gianna:** Mas você chegou a...

**Enéas:** Ia o Simadon, o Leonir Vicente...

**Gianna:** Você vinha para Curitiba.

**Enéas:** Eu vinha, mas na época da...

**Gianna:** Da JUFRA...

**Enéas:** Mas era fevereiro e julho... Não era durante o período...

**Gianna:** Ah, entendi... Você vinha para treinamento...

**Enéas:** Para treinamento só...

**Gianna:** É verdade.

**Enéas:** Para expansão, vinha mais o Leonir, o Simadon, que é reitor [de seminário?] lá em Joaçaba. O Leonir é aposentado do SESC, mora aqui em Curitiba. Se quiserem contato com ele, eu também consigo. José Miquelan que mora ali perto de casa também. Eles entraram em [19]70 e [19]71. Eles ajudaram a fundar os vários grupos.

**Boni:** O senhor entrou depois?

**Enéas:** Eu, quando já estava em andamento.

**Danila:** Ah, sim. Uhum...

**Boni:** Seu Enéas, o senhor falou que era meio desajustado. O senhor não se sentia a vontade. Como é que era esse desajustado naquela época?

**Enéas:** Olha, era, digamos assim, desorientado, sem saber o que ia fazer da vida.

**Gianna:** Mas não era bandido não...

**Enéas:** Não era bandido... [risos]

**Todos:** [risos]

**Enéas:** Eu procurava as coisas e não encontrava, porque...

**Gianna:** Não sabia o que ia fazer...

**Enéas:** Porque um ia ser bancário, o outro ia fazer concurso para o banco do estado, o outro ia para a Copel... Eu não queria nada com nada. O meu pai era bem de vida e eu vivia com o bolso cheio de dinheiro...

**Boni:** Tinha a ver com as perguntas fundamentais... O senhor falou que a JUFRA ajudava a responder: quem eu sou...

**Enéas:** Mais tarde né... Antes de eu entrar no seminário, eu estava perdido. Depois que eu entrei para o seminário, é que eu entrei em contato com a JUFRA. Antes, era só TLC. TLC é um encontrão para tudo quanto é tipo de jovem.

**Boni:** No TLC essas questões não foram bem respondidas para o senhor...

**Enéas:** Não. No TLC, eu tive um choque, porque é um treinamento assim de palestras em cima de palestras. Você vai dormir e levanta com uma batucada que parece que está no inferno. Deus o livre! Eu levava cada susto. Eu dizia: TLC. Tô LoCo.

**Gianna:** Mas lá em Ponta Grossa também era assim...

**Enéas:** TLC, você tira os pontinhos...

**Boni:** Põe “os”

**Enéas:** Fica ToLoCo.

**Todos:** [risos]

**Enéas:** Então, eu levei cada susto, rapaz, que parecia... Iam acordar a gente. Você ia dormir meia-noite e acordava às 6:00. Jovem, quando vai dormir, morre. De repente, aquele barulhão. Eu pensava que estava no inferno. “Ô meu Deus! Está acabando o mundo?” Levava uma hora para eu me reestabelecer. “Ô meu Deus do céu!”

**Gianna:** Exagerado...

**Enéas:** Então, foi lá os primeiros encontros com a pergunta: qual é o sentido da vida? O que vale a pena fazer na vida? Foi por ali...

**Boni:** No TLC já.

**Enéas:** No TLC. Daí que eu pensei: “eu vou entrar para o seminário para conhecer a vida”.

**Gianna:** Eu acho que na JUFRA você foi mais para trabalhar, realmente.

**Enéas:** Na JUFRA, eu já estava dentro do seminário. Antes, eu nem conhecia.

**Danila:** Por que o senhor escolheu os capuchinhos? Com tantas congregações...

**Enéas:** Porque lá em Irati tinha uma paróquia dos capuchinhos. Eu jogava bola. Em Riozinho era o seminário menor dos capuchinhos. Tinha 150 seminaristas lá. O maior orgulho de um jogador de bola de Irati era ir lá no seminário e ganhar dos padres capuchinhos. Nunca ganhava, porque eles eram bom de bola. Nem o time profissional que ia jogar lá ganhava. Nem... Nem o time profissional de tão bom que eles eram. Eu comecei a admirar os capuchinhos e fiz amizade com um ou dois lá. Um dia teve um encontrão de formação vocacional. Como eu tinha certa amizade, foram me buscar em casa. Peguei e fui. Nesse palestrão para um monte de jovens da cidade de tudo quanto é canto. Acho que tinha uns 300 jovens lá, mais ou menos, no salão. Aí, tinha música, teatrinho e não sei o que... Daí, um vinha de São Francisco de Assis... Terminou e falaram: “ah gente, estamos fazendo uma campanha para ser frei. Quem quer ser frei aí?” Ninguém queria. Eu também não quis na hora. Passou uns dias, começou a me martelar aquilo. Isso era dezembro. Passou janeiro. Em fevereiro, eu liguei lá: “quando é que o pessoal vai para Ponta Grossa?” “Estamos indo daqui 3,4 dias”. “Eu também vou”. Avisei o meu pai: “olha, meu pai, eu arrumei minha mala e estou indo para o seminário”. “O que é isso? Está ficando louco, rapaz?” “Acho que estou mesmo. Aqui eu não quero mais ficar”.

**Boni:** Todo mundo morava em Irati da sua família?

**Enéas:** Todo mundo. É. De lá de Irati, fomos eu e mais dois de Riozinho e de Engenheiro Gutierrez, que é onde era o seminário, mas ficaram 4/5 dias e voltaram. Eu fui ficando um mês. Pensei: “estou ficando bastante”. Fiquei dois meses: “estou aguentando”. Um ano: “ah, está bom. Vou ficar”. Depois de um ano que eu fiz a decisão: “vou ficar mesmo, porque eu acho que é isso mesmo”. Conheci o Inácio Larrañaga, fiz um retiro com ele. Fui fazer um curso de criatividade comunitária, escolhido ali pelo Frei Eurico. Frei Eurico disse: “Enéas, você vai fazer um curso”. “Que curso?” “Criatividade comunitária”. “Onde?” “Goiania”. Eu nunca tinha andado de ônibus para tão longe de casa. Fiz a malinha lá. Fui para Goiana fazer o curso. Dentro do conteúdo que eu recebi lá, vim com um monte de papel e de apostila. No que eu cheguei em Ponta Grossa, o Frei Eurico disse: “Enéas, vem aqui! O que você aprendeu lá?” “Blá, blá, blá...”. “Dá aqui o material”. Ele pegou o material e adaptou esse material da criatividade para os jovens nos treinamentos básicos da JUFRA. A partir da Teoria da Organização Humana do Antonio Rubbo Müller. Tinha um discípulo dele que se chamava Waldemar de Gregori, que era lá de... Professor e sociólogo de Florianópolis. Então, eu tenho, até hoje, a apostila de onde o Frei Eurico, acho, tirou

algumas coisas dali para montar alguma estrutura complementar para a JUFRA. Aperfeiçoamento, porque já tinha [uma estrutura]. Daí, ele foi incrementando. Apareceu agora isso aí na minha memória, porque eu já tinha até esquecido.

**Boni:** Existia algum estudo, nesse sentido, na época?

**Enéas:** Era uma coisa nova na época. Era revolucionário. Tanto era assim que se falava em criatividade era mal visto pela Igreja e pelos bispos. Os bispos não queriam. Na época, o Frei Adelino Frigo, acho que está vivo ainda... Ele foi um dos iniciadores do Movimento de Criatividade Comunitária no Paraná. Ele e o jornalista Pedro Bernardi que é meu amigo até hoje, mora em Camboriú. Um bispo lá do Rio Grande do Sul, Dom... Eu já vou lembrar o nome dele... Começou esse movimento lá no Rio Grande do Sul e começou a revolucionar a Igreja, porque era uma coisa de criatividade, enxertando dentro da estrutura da igreja. A igreja, já há muito tempo, mais ou menos na época do Concílio [Vaticano II], estava velha a dinâmica, a burocracia, a papelada e o jeitão de fazer. O Concílio motivou muito as mudanças na Igreja. Muitas mudanças aconteceram e, ainda, algumas estão para acontecer, porque, até hoje, padres não querem que aconteçam. Mas vão acontecer logo, logo. Desse curso que eu fiz em Goiânia, o Frei Eurico usou muito material para enxertar no tirocínio, no TBJ, no TRF. Por quê? Porque, se vocês perceberem, até hoje é dentro da estrutura da Teoria da Organização Humana. 14 sistemas, componentes e metas. O desenvolvimento e o planejamento deve estar até hoje, porque aquilo era uma coisa muito bem feita.

**Danila:** Foi só ele que elaborou esse...

**Enéas:** O Frei Eurico, o Nunes...

**Gianna:** O Frei Moacir...

**Enéas:** O Moacir Busarello era mais ou menos assim: como ele não era o idealista da coisa, ele não tinha aquela paixão que o Frei Eurico tinha. O Frei Eurico era paixão. Fervia o sangue dele em cima daquilo ali. O Frei Moacir era... “Vamos indo atrás né...”

**Maria de Lurdes:** O Frei Eurico tudo o que fazia, fazia com paixão.

**Gianna:** Só o olhar dele... Nossa...

**Enéas:** Tinha paixão...

**Gianna:** Ele tinha um olhar assim [apaixonado]...

**Boni:** É interessante o senhor falar essa questão da criatividade na Igreja, porque isso, pelo que eu vejo, tem muito a ver com os jovens.

**Enéas:** Tem muito a ver...

**Boni:** O senhor, na época, era um jovem criativo também?

**Enéas:** Olha, desde o tempo do seminário, eu me encantei por esse tema da criatividade. Ainda hoje, se vocês quiserem, tem a criatividade quântica do Dr. Amit Goswami, que é

um físico indiano. Tem muita coisa nova em termos de criatividade, sintonia... Como é que o amor envolve todo o universo... Essa força dinâmica... O amor vai entrando e perpassando as pessoas que são amáveis. Se encontrar uma pessoa que é revoltada, a tendência é a violência. Bate e volta e não tem ressonância. Compre esse livro. Vocês vão perceber a revolução que está fazendo a tal da criatividade que poderia ser... Se os padres da Igreja lessem e administrassem esse conteúdo todo, haveria uma revolução rápida.

**Boni:** Criatividade quântica... [anotando em um caderno]

**Enéas:** Dr. Amit Goswami... G-O-S-W-A-M-I. Amit, mudo. Tem muitos livros bons dele.

**Boni:** Amit. T mudo né.

**Enéas:** Goswami. W depois do S.

**Boni:** Goswami.

**Enéas:** Goswami. Está certo. Com I. Amit está certo. Ok. Digite no Google lá que vão aparecer vídeos dele, livros e um monte de coisas.

**Danila:** Porque o senhor acha que essa teoria da criatividade revolucionou nesse período da JUFRA e pós-Concílio?

**Enéas:** Olha, eu acho que o que está por trás de tudo é o tema organização. A criatividade, investida e ensinada pelo Dr. Antonio Rubbo Müller organiza a cabeça, porque o nosso pensamento é uma pastosidade, é um balaio, é um monte de coisas que, se estiverem organizadas, existe eficiência. A Teoria da Organização Humana organiza o pensamento. Você é capaz de ficar falando... Se me derem um tema... Qualquer tema que for, se eu aplicar a Teoria da Organização Humana, eu fico falando 2, 3, 4 horas, não me perco e não esgoto o assunto, porque ele tem uma sequência: parentesco, sanitário, manutenção, lazer, pedagógico, patrimônio, jurídico, religioso...

**Gianna:** São 14 sistemas... Lealdade...

**Enéas:** Lealdade... É uma organização que você põe um quadro de referência na cabeça, você olha e tem um senso crítico para olhar e analisar uma coisa rapidamente. A criatividade flui, porque você está organizado no teu pensar. O pensamento organizado é o critério número 1 para a criatividade, a organização. Você não perde tempo para organizar. “Onde é que está tal coisa? Está lá!” Acha na hora. Eu tenho, acho que, umas 15000 páginas no meu computador. Se me perguntar qualquer assunto, de qualquer área, eu acho na hora. Em 1 minuto, no máximo, eu acho aquilo que você quer. Mais ligeiro do que o Google. É uma pesquisa que eu tenho feito desde 1972, desde quando eu entrei no seminário até hoje. Todas as minhas pesquisas são acima disso aí. É uma ciência. Muita gente desistiu. Eu não desisti, eu continuei. Eu continuei. Até hoje, está lá no computador o que eu não posso perder.

**Boni:** O importante para entender a JUFRA, principalmente neste início, até hoje, é essa questão da organização...

**Enéas:** Até hoje. Veja bem, se não tivesse essa Teoria da Organização Humana dentro da JUFRA, eu acho que não teria chegado aonde chegou até hoje. Não teria. Isso eu digo com absoluta certeza. Sem organização, não existe eficiência. Eficácia, rapidez, resultados... Demora... Qualquer coisa desorganizada, demora. Organizado, é rápido.

**Danila:** O senhor acha que o Concílio, como foi um pouco antes da JUFRA... O senhor que teve alguma influência? O Frei Eurico tirou alguma ideia para elaborar o material da JUFRA?

**Enéas:** Olha, eu acho que sim. Por quê? Porque o místico tem parceria com o Espírito Santo. Não há dúvida nenhuma. Não há dúvida nenhuma, porque, o seguinte, o Espírito Santo... O Concílio começou assim: “vamos abrir essa janela aqui, porque esse ar que está cheirando aqui dentro está abafado, com mofo”. João XXIII que falou. Vamos deixar entrar um ar. O Espírito Santo entrou e provocou todas aquelas mudanças. Se demorasse um pouquinho mais, ia ser catastrófico né. Mas existe uma tendência no ser humano para manter o *status quo*. Então, é difícil. Mas, se trabalhar a criatividade junto com o Espírito Santo, as mudanças vão acontecer. Hoje em dia... Estamos com o padre aí, que terminou o retiro conosco. Ele disse: “estamos na era certa das mudanças das mudanças fundamentais da vida”. Porque a juventude está aberta, está procurando, está ligada. As crianças que nascem hoje já nasce com o chip já comprimido do nosso conhecimento... A sabedoria já está ali. Já estão sabendo dar resposta que surpreende a gente.

**Danila:** O trabalho que o senhor fez na JUFRA, na época, foi de formação...

**Enéas:** Como formador...

**Danila:** Como foi feita essa formação? Essa elaboração das formações... Era o Frei Eurico quem escolhia os temas, elaborava e vocês só iam aplicar? Como que funcionava?

**Enéas:** Nós entramos [os seminaristas no seminário] em [19]72 e começamos a fazer o curso de Filosofia. Então, Filosofia é um tipo de conhecimento que te abre as portas da cabeça e da inteligência, porque te faz as perguntas fundamentais. As perguntas mais importantes da vida estão ali. Você vai atrás. Ensina você a pensar. Ensina você a buscar respostas. Então, isso tudo foi simultâneo. A gente estava fazendo o curso e estava em contato com a realidade do jovem, sentia o drama das pessoas que queriam respostas e não tinham, não aparecia. A estrutura da Igreja não respondia. A JUFRA era uma resposta para as novidades que o jovem procurava, porque dentro da dinâmica da JUFRA tinha espiritualizador, que é uma coisa que é rápida, tinha o recreador, tinha oportunidade para conhecimento, interação, descoberta e procura de coisas novas. O Frei Eurico sempre procurou estar atento à responder aquilo que o jovem queria e procurava. Então, ele enxertava ali no conhecimento palestras assim... Como é que eram as provocações?... Veneno na folha...

**Gianna:** Ai, eu não me lembro...

**Enéas:** Fazia um tipo de palestra que deixava o jovem com cócegas no corpo inteiro. Fazia berlinda...

**Gianna:** Ou então, elencava uma pessoa que ficava atrapalhando a palestra para ver como é que as pessoas [iriam reagir?]....

**Enéas:** Provocava... “Você vai fazer o papel de revoltado e você de apaziguador” [combinava com alguns jovens]. Então, aquelas dinâmicas e as palestras eram montadas de tal forma que despertavam a curiosidade do jovem, mexia com ele. Por quê? Porque ele era psicólogo também. O seminarista e o padre têm que ser psicólogos. Tem que saber entender o comportamento, entender a dinâmica, a... Como é que é? A gente aprendia a psicologia diferencial, a psicologia dinâmica e a psicopatologia, porque o sacerdote também tem que entender os desequilíbrios e falhas do ser humano para poder dar o conselho. Se ele está com algum problema sério, o padre, o sacerdote escuta na confissão e tem que saber dar a orientação. Então, o Frei Eurico tinha tudo isso. Ele era um gênio. Fazia leitura da realidade e trazia as respostas que o jovem precisava. Então, ele criava palestras, a dinâmica própria de todas aquelas lideranças. Cada reunião, de uma hora marcada, tinha liderança... 8 ou 9 lideranças diferentes. Que tipo de liderança? Avaliador, espiritualizador, contestador, condecorador, que era uma liderança importante. A pessoa que se sobressaía, assim, recebia uma medalha...

**Gianna:** Ah, mas deve ter isso ainda hoje... Ou não?

**Enéas:** Ainda deve ter... Tinha umas 15, 18 lideranças que eram desenvolvidas durante a reunião.

**Gianna:** E eram trocadas...

**Enéas:** Então, assim...

**Gianna:** Em cada reunião, trocavam um com o outro...

**Enéas:** Não era maçante. Não era uma reunião só de palestra. Meia hora de palestra, não... 15 minutos de palestra, 2 minutos de perguntas, 5 minutos de debates, um do lado do outro... “E agora vamos fazer perguntas para o explicitador”. “Esclareça aquele pontinho ali”. Então, era dinâmica. Esse negócio de fazer encontro de jovem só com palestra, não dá. Tem que ter muita coisa diferente e uma coisa agregada com a outra que ia enriquecendo a reunião. Por isso que gostavam. Eu acho que a JUFRA é feita nesse sentido de pesquisar o perfil do jovem e responder aquilo que ele quer, porque ele é agitado e ele quer ligeiro. Não era uma coisa maçante. Não sei se ainda é até hoje isso. Se for, está dentro de um padrão de sabedoria.

**Danila:** Entendi. Vocês comentaram que não tiveram oportunidade de entrar para a OFS. Em um dos livros que o Frei Eurico escreveu da JUFRA, ele comenta que nessa época a JUFRA estava buscando o reconhecimento da OFS. O senhor e a senhora sabe como foi...

**Gianna:** Não me lembro...

**Danila:** Tinha apoio da OFS, alguma coisa assim... Não...

**Enéas:** Não.

**Gianna:** Ali, nas Mercês, a gente nem se encontrava. Eu me lembro de uma vez que foi feito um café da manhã depois de uma missa que a gente ajudou em alguma coisa. Mas, assim, a gente ter contato não.

**Boni:** Vocês não se relacionavam muito com a OFS?

**Gianna:** Não.

**Enéas:** Uma coisa é certa. O Frei Eurico sempre falava para mim e para a Jô que ele queria montar um movimento para casais também.

**Gianna:** É.

**Enéas:** Isso ele falava. “Olha, Polaco e Jô, vocês ainda vão fazer parte do nosso movimento que eu estou montando aí para casais”. Abriu para viúvas, desquitadas, separadas... Ele sempre teve essa esperança de...

**Maria Lúcia:** Na cabeça dele, a SEARA era para mulheres solteiras, viúvas, separadas, casais e homens, presbíteros ou não. Na cabeça dele, o instituto era tudo isso, mas ele conseguiu deixar organizado só das mulheres.

**Danila:** Hum... Entendi.

**Maria Lúcia:** Ele até começou com famílias. Nós tivemos a Dona Eleonora de Cascavel, depois o marido faleceu e ela fez votos. Inclusive, foi o último voto que ele celebrou. Foi da Dona Eleonora, porque ela ficou viúva e ele já fez os votos perpétuos dela, da Dona Eleonora. Para ele, ia ter três institutos. Um de mulheres, de moças, um de homens, de sacerdotes e também famílias. Ele até começou, mas não conseguiu estruturar. Sacerdotes também. Ele começou a ter vários rapazes, mas não prosperou...

**Danila:** Hum... Entendi. E vocês, na JUFRA, naquela época, faziam votos também ou não?

**Gianna:** Não.

**Danila:** Eram só as reuniões...

**Gianna:** Eram só as reuniões.

**Danila:** A formação...

**Enéas:** Mas ele tinha, no TRF... 3 anos depois que se é jufrista, fez o TBJ, fez o TIF, fez TRF, no TRF teria um compromisso...

**Gianna:** Uma renovação...

**Enéas:** Uma renovação, um compromisso, assim, meio cerimonioso. Não sei se ele chegou a montar um termo de compromisso...



**Gianna:** Eu cheguei a fazer um TRF que foi lá na Casa do Caminho, mas não tinha nada assim. Escrito, assim, não. Eu fiz um.

**Enéas:** Mas o Frei Eurico era muito organizado. Muito organizado. Podia ter, estava no projeto, talvez, no prelo.

**Danila:** Entendi... Uhum... Mais alguma coisa que vocês lembram e eu não perguntei, se quiserem falar.

**Gianna:** Não. Não sei.

**Boni:** Eu queria saber desse ideal que o senhor falou... O senhor sente que tem esse ideal e que continua e vai para frente. Vocês falaram que estão nas Equipes de Nossa Senhora...

**Gianna:** Sim.

**Boni:** Um tempo depois... Quanto tempo depois de sair da JUFRA?

**Gianna:** Ah, bastante tempo. Se eu sai em [19]76 e em [19]96 nós entramos.

**Enéas:** 20 anos depois

**Boni:** 20 anos depois...

**Gianna:** É. A gente casou em [19]81. Daí, a gente se envolveu com filho, com uma coisa e outra. O Enéas já jogava muito futebol...

**Enéas:** Depois virei pescador...

**Gianna:** E a gente ia sempre para Irati. Então, todo o final de semana ou a cada 15 dias a gente ia para Irati. A gente não tinha como se vincular à uma outra coisa. Mas aí, depois, apareceu as Equipes na nossa vida e completou...

**Boni:** E esse ideal, vamos dizer assim, o ideal franciscano mais trabalhado na JUFRA...

**Gianna:** Mas, olhe, nós somos franciscanos até hoje [risos]. Nós estamos aqui...

**Enéas:** Olhe, a Filosofia, o jeitão de São Francisco de Assis atrai muito o jovem...

**Gianna:** Ficou na vida da gente.

**Enéas:** Ele é um ídolo da juventude, eu acho.... Não só da juventude, de todos, mas acho que ele marca muito o jovem. O jovem que tiver um livro de São Francisco de Assis na cabeceira, em sua mesa e ler algum dia, muda. Ele é muito atraente...

**Gianna:** Assistir o filme “Irmão sol e irmã Lua” era tudo o que a gente queria quando jovem.

**Enéas:** Ele cativa. Francisco de Assis cativa pelos valores e identificação com o jovem

**Gianna:** E a forma como o Frei Eurico mostrava ele para a gente era fantástica...

**Enéas:** O Frei Eurico era um franciscano...

**Danila:** Como que ele mostrava?

**Gianna:** Eu não sei te dizer, mas era demais.

**Boni:** O que cativava mais? Era o olhar?

**Gianna:** Tudo...

**Enéas:** Ele cantava, ele tocava teclado... A voz dele era meio de taquara, mas era agradável [risos].

**Todos:** [risos]

**Gianna:** Tinha uma voz muito bonita ele. Nós temos fitas, quer dizer, agora se transformou em CD. Vocês têm né? O Enéas trouxe os vídeos [na SEARA]...

**Enéas:** Eu gravei. Era fita e eu transformei em CD.

**Gianna:** Era fita...

**Enéas:** Era fita.

**Gianna:** Nossa! Ele mudou a vida da gente.

**Enéas:** Ele se fazia jovem no meio do jovem. Cantava e era alegre né...

**Maria Lúcia:** Ele sabia ser aquilo que o grupo era em cada grupo que ele entrava. Se ele entrava num grupo de jovens, ele era jovem e trabalhava como jovem. Se ele entrava em um grupo de criança, ele era criança e trabalhava como criança. Se ele entrava num grupo de adultos, ele era adulto e trabalhava como adulto. Então, ele se adaptava com facilidade à realidade que ele vivia, àquilo que ele estava vivendo no momento. Com o jovem, ele tinha uma atenção especial. Você não cansava de ouvir o Frei Eurico. Quando eu entrei na SEARA, eu tinha 24 anos. Você com 24 anos, a gente não tem muita paciência. Para colocar você sentada para escutar, tem que cativar, não é verdade? Vocês estão aí nessa idade, sabem o que é isso... Não é qualquer coisa que deixa a gente sentada não. E a gente ficava encantada. A gente nem piscava. Ele sabia falar, ele sabia cativar e ele falava com tanta convicção. O que mais atraía no Frei Eurico era a convicção e a paixão que ele tinha por aquilo que ele fazia. Ele sabia do que estava falando. Ele não falava do talvez e do será não. Ele falava com convicção e com determinação. Eu nunca vi uma pessoa desse jeito.

**Enéas:** No seminário, eu dormia aqui num quarto, eram quartos individuais, e do lado era o quarto dele. Acho que contaminou muito ali.

**Todos:** [risos]

**Gianna:** Vibração...

**Enéas:** Vibração.

**Maria Lúcia:** Ele era um estudioso né...

**Enéas:** Estudioso...

**Maria Lúcia:** Estava sempre estudando, sempre lendo, sempre buscando...

**Enéas:** Lendo, conhecia várias línguas, traduzia... Conhecia o francês, o inglês... Acho que mais o francês...

**Maria Lúcia:** O italiano...

**Enéas:** Ah, tinha o italiano...

**Boni:** Ele estimulava também o pessoal a estudar né... Só os seminaristas ou os jufristas também?

**Gianna:** O tirocínio da JUFRA fazia a gente estudar né.

**Boni:** Cobrava bastante...

**Enéas:** Cobrava...

**Gianna:** Cobrava, claro...

**Boni:** Tanto é que vocês falaram muito da questão da Teoria da Organização Humana do Rubbo Müller. Vocês estudavam na época.

**Enéas:** Estudava...

**Gianna:** É... Mais ele [Enéas]. Para a gente [jufristas] era passado isso. Foi passado tudo isso.

**Boni:** Era a referência né...

**Gianna:** Isso. Tinha todo o... Como é que era? Tinha as caixinhas lá, não é Gatão [Enéas]?

**Enéas:** Tinha os cartazes. Para dar o tal do TBJ, tinha 28 cartazes. Era deste tamanho assim, se colocava na parede com um grampo, durex ou sei lá. Daí, ia explicando uma por uma das coisas e abria a cabeça do jovem. Para ele, era novidade. “Puxa! Que coisa legal”. “Então, agora vamos aplicar”. Na hora de aplicar, dava satisfação para o jovem. “Puxa! Estou usando uma ferramenta científica”. Ficava todo cheio de si. A gente dizia: “uma ferramenta científica que vai ajudar você a organizar a tua vida”. Aí, tinha os princípios. Quem...

**Gianna:** Não lembro mais...

**Enéas:** “Quem não se domina é dominado pelos outros”. “Quem não se vira é virado pelos outros”. “Quem me ataca está emproblemaado”. Tinha um monte de frases e aquilo... Qualquer coisinha que tinha, dizia: “está emproblemaado hein”. Então, tinham coisas, assim, que deixavam o jovem orgulhoso de ter uma ferramenta moderna...

**Gianna:** Deixava as pessoas seguras... Me sentia assim, com segurança...

**Enéas:** O jufrista era convencido. Dizia assim: “Ah, eu sou jufrista”. Por quê? O que é o jufrista? Ele era uma pessoa preparada. Era um jovem preparado. Naquela época, praticamente, se preparava a formação que o seminarista estava tendo dentro do convento. Praticamente, o que nós recebíamos, nós passávamos para os jufristas.

**Danila:** Esqueci de perguntar. Que temas que ele procurava e escolhia para trabalhar com os jovens? Tinha temas específicos?

**Enéas:** Tinha. Treinamento Básico [TBJ]. No primeiro ano do jufrista, ele ia conhecer a sua própria personalidade. Quem sou eu? Mais ou menos a psicologia do ser humano. No segundo ano, Treinamento de Iniciação Franciscana [TIF]. Personalidade de São Francisco: quem foi São Francisco? O que nós podemos copiar dele? O que ele tem a nos dizer? E o terceiro ano, terceiro estágio, Treinamento de Renovação [TRF], aí são documentos da Igreja, alguma coisa assim mais séria para conhecer a estrutura da Igreja mesmo.

**Gianna:** Na época em que eu estava sempre vinha alguma coisa...

**Enéas:** Sempre tinha material atualizado para cada um.

**Gianna:** Sempre tinha material.

**Enéas:** O João Batista Nunes, que é o Frei ali [que gravou um CD que estava sobre a mesa], era o digitador. O Frei Eurico entregava lá e ele montava a apostila. Eu também, no seminário, aprendi a datilografia sem olhar, de tanto que eu batia apostila. Eu copiava ali, assim, sem olhar no teclado. Aquelas maquinonas. Batia o sininho... [simula com as mãos e os dedos a datilografia].

**Gianna:** Cuidado com o copo...

**Todos:** [risos]

**Danila:** Certo. Então, como última... Não é bem uma pergunta. A JUFRA pediu que vocês deixassem uma mensagem para os jovens que fazem parte da JUFRA hoje. O que vocês gostariam de dizer para eles?

**Enéas:** Bom, tem uma frase que serve para todo mundo: quem procura, acha. Então, eu acho que o jovem que tem sede, que procura, ele vai encontrar. Mas vai encontrar o que? Tem que ter alguém que dê valores. Então, digamos, quem está na cabeça do movimento da JUFRA tem que se preocupar com “o que nós vamos dar para jovem?” Tem que dar aquilo que seja sustento e que dure para a vida toda. Então, o jovem é aberto, procura e, se encontra, começa a se perder por aí, até em drogas. Mas encontrou... Aquilo que todo ser humano tem, um vazio dentro de si que só pode ser

preenchido com valores permanentes. No caso, Deus mesmo e tudo que se refere a Deus. Então, todo o ser humano tem essa [busca]... É feito por Deus, então ele é carente. Carente de preencher um infinito, que existe dentro dele, que só outro infinito vai poder preencher. Eu vejo assim. Quer falar?

**Gianna:** A JUFRA, para mim, foi uma iniciação. Me deixou uma pessoa mais segura, na época. Me deu caminhos e saber o que eu queria da minha vida. Então, para mim, foi muito importante. E a presença do Frei Eurico foi, assim... Eu sempre digo que nós somos crias do Frei Eurico. Ele foi, assim, uma pessoa que esteve muito presente na nossa vida...

**Enéas:** Crias, entenda-se filho e filha...

**Gianna:** É...

**Todos:** [risos]

**Enéas:** Um termo mais bonito...

**Gianna:** Ele foi uma pessoa fora de série que me mostrou um caminho muito verdadeiro, um caminho que eu podia seguir. É isso aí...